

ROSANA PICCOLO

## CABELEIREIROS DE A A Z

No colo da rua, contei um milhão de cabeleireiros. Onde a novidade química desafia o espelho. E a novela das oito afia a navalha, define franjas rivais.

Contei pomares no colo da rua — grito carnívoro da ruividão. Mulher-outono, mulher-fogo: há tons de açáí, rubor de morangas nesses pincéis do poente. Mulher-pássaro: secadores assanham tuas asas em blonder.

No colo de outra rua, outro milhão de cabeleireiros. E outras caixas de alumínio com escovas e tesouras — pingos do mesmo poente. Pisei mais um quilômetro de grampos fazendo frases, fazendo festa, fermento, fazendo toda a tua vida.

## SOB OS OLHOS

A noite é a nossa sereia. Tem no vestido de lata a ferida de mais de um milhão de rubis. Sobre o mundo, derrama o cabelo com fios dardejantes. Usa piercing, a noite, irreconhecível ao suicida — a amada é um anjo gótico resvalando em poças de luz. Tem cílios de faíscas e borrões de sombra — dela agora foge o fantasma do assassino, abrindo brechas negras pela rua iluminada. Tem a mente povoada de seqüestros, guaritas pulverizando vielas e um latido a menos — a capa do vampiro se faz nuvem de mosquitos. Tem computadores analisando a urdidura das estrelas, torneiras de clarão desatadas ensopando o chão de meias brancas. Tem nas camas plenas de silêncio breus macios amontoados. E esses poemas que escrevemos, do começo ao fim, e de que jamais esqueceremos — até chegar o dia e nos afogar.